



*... mais e mais ...*

Julio | Saúl Dias

## Júlio Maria dos Reis Pereira

(Vila do Conde, 1 de novembro de 1902 – Vila do Conde, 17 de janeiro de 1983)

### Obra poética de Saúl Dias:

- 1932 – ... *mais e mais ...*, s.l., Edições «Presença»
- 1934 – *Tanto*, s.l., Edições «Presença»
- 1938 – *Ainda*, s.l., Edições «Presença»
- 1952 – *Sangue*, Vila do Conde, Edições «Ser»
- 1962 – *Obra Poética*, Lisboa, Portugália Editora (Antologia, 1ª ed. – reúne obras editadas entre 1932 e 1952 e o inédito *Gérmén*)
- 1973 – *Essência*, Porto, Brasília Editora (com prefácio de Guilherme de Castilho)
- 1980 – *Obra Poética*, Porto, Brasília Editora (Antologia, 2ª ed., aumentada, com prefácio de David Mourão Ferreira – reúne as obras editadas entre 1932 e 1973 e o inédito *Vislumbre*)
- 2001 – *Obra Poética*, Porto Campo das Letras (Antologia, 3ª ed., aumentada, organizada por Luís Adriano Carlos – reúne as obras editadas entre 1932 e 1980 e inéditos)

### Obras de Régio com desenhos de Julio:

- 1929 – *Poemas de Deus e do Diabo*, Coimbra, Edição do Autor
- 1929 – *Biografia*, Coimbra, Presença
- 1935 – *As encruzilhadas de Deus*, Coimbra, Edições Presença/Atlântida
- 1940 – *Primeiro volume de Teatro*, Porto, Imprensa Portuguesa
- 1941 – *Fado*, Coimbra, Arménio Amado
- 1942 – *O Príncipe com Orelhas de Burro*, Lisboa, Inquérito

### Algumas exposições de Julio:

- 1930 – *Primeiro Salão dos Independentes*, Lisboa (1ª exposição colectiva)
- 1932 – *Salão de Inverno* da Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa
- 1935 – Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa (1ª exposição individual)
- 1936 – *Primeira Exposição dos Artistas Modernos Independentes*, Lisboa
- 1938 – Galeria UP, Lisboa
- 1944 – Galeria Buchholz, Lisboa
- 1945 – Salão da Livraria Portugália, Porto
- 1946 – Galeria de *O Primeiro de Janeiro*, Porto
- 1946 – *Primeira Exposição Geral de Artes Plásticas*, Lisboa
- 1953 – *2ª Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo*, São Paulo, Brasil
- 1955 – Galeria Pórtico, Lisboa
- 1956 – *Primeira Exposição de Colagens*, Galeria Pórtico, Lisboa
- 1957 – *Primeira Exposição de Artes Plásticas*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 1958 – IV Salão de Outono, Estoril (onde vence o 1º Prémio de Desenho)
- 1959 – Galeria *Diário de Notícias*, Lisboa
- 1961 – *Segunda Exposição de Artes Plásticas*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 1964 – Galeria *Diário de Notícias*, Lisboa
- 1964 – Exposição Retrospectiva *40 Anos de Pintura e Desenho*, Museu Regional de Évora
- 1967 – Exposição Retrospectiva, Cooperativa Árvore, Porto
- 1972 – *EXPO AICA SNBA 1972*, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa
- 1973 – Exposição Retrospectiva *50 Anos de Desenho*, Galeria Alvarez, Porto; Galeria S. Mamede, Lisboa
- 1978 – Exposição do *Cinquentenário da presença (1927–1977)*, Coimbra, Lisboa, Madrid e Paris
- 1979-1980 – Grande Exposição Retrospectiva, Biblioteca Municipal de Vila do Conde, Vila do Conde; Centro de Arte Contemporânea, Porto; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 1983 – *30 Desenhos da série «Poeta»*, Galeria S. Mamede, Lisboa.

## Saúl Dias, Poeta Modernista

Luís Adriano Carlos (FLUP)

Júlio Maria dos Reis Pereira faleceu há quarenta anos, em Vila do Conde, deixando-nos uma obra artística de especial valor, assinada por dois pseudónimos: Julio, pintor, desenhador, ilustrador, ceramista, responsável pelo grafismo da *Presença*, órgão do Segundo Modernismo; e Saúl Dias, poeta com sete livros de originais publicados durante cerca de meio século. As duas personagens dialogaram na mesma pessoa sobretudo com desenhos do artista visual acompanhando as edições dos versos do poeta. Podemos afirmar que representam, juntos, um dos veios mais fortes do movimento modernista liderado pelo irmão José Régio.

Com discrição, Saúl Dias colaborou na *Presença* em 1934, 1935 e 1938. Nesta década, deu ainda à estampa, com a chancela das Edições “Presença”, três livros de poesia: ...*Mais e Mais...*, 1932, *Tanto*, 1934, e *Ainda*, 1938, que teriam grande influência, pela concisão fluida do seu lirismo metafórico, em poetas como Eugénio de Andrade, Afonso Duarte, António Ramos Rosa e Albano Martins. Após a extinção da *Presença* (1940), seguiu-se um longo silêncio, só interrompido em 1952, com a publicação de *Sangue*, reimpresso em 1962 na recolha geral *Obra Poética* a par do inédito *Gérmén*. O terceiro e último ciclo de produção obedeceu a um modelo similar: publicação do livro *Essência* em 1973 e lançamento do derradeiro conjunto poemático, *Vislumbre* (1979), na segunda edição da *Obra Poética*, distinguida com o Prémio da Crítica em 1980. A *Obra Poética* teria uma terceira edição, em 2001, sob a responsabilidade do autor destas linhas, compilando provavelmente o maior acervo de composições até à data, graças aos 26 inéditos e 31 dispersos que o filho do escritor, Eng. José Alberto dos Reis Pereira, desejou integrar no volume.

Em síntese, Saúl Dias mergulha as suas raízes nas poéticas subtis e esteticamente sugestivas de Camilo Pessanha, Mário de Sá-Carneiro e António Botto, que nutrem o subsolo da sua dicção pura e evanescente, cuja delicadeza intimista contrasta com o dramatismo psicológico dominante nos poetas da *Presença* e de que é exemplo “Menino II”, de *Tanto*: “Porque o destino / é um menino... / E o mar é largo!... / E a hora é azul!... // Porque um menino / é um cabelo / frágil e fino...”.

Nesse diálogo de decénios, o olhar de Julio não deixa de afectar os versos de Saúl Dias, de tal maneira que a vibração e ressonância das cores é uma das marcas estilísticas e estéticas da sua linguagem. Não só porque essa qualidade convoca explicitamente obras de Leonardo, Chagall, Pascin e Millais, mas porque, em virtude da sua intensidade evocativa, esta poesia se apresenta como *pintura sonora* sem sair de um lirismo em que o silêncio e o som se exprimem mutuamente enquanto reflectem a sombra das coisas fugidias.

## **Julio, o pintor do poeta e ...mais e [muito] mais...**

Rui Miguel Almeida Maia (FLUP / CITCEM)

Com aparecimento público, na cena artística nacional, sob as páginas da *presença – fôlha de arte e crítica*, desde o primeiro número, em 1927, até ao seu desfecho, em 1940, Júlio Maria dos Reis Pereira, assinando apenas Julio enquanto artista plástico, encontra no espaço do livro, ora ao nível da capa, ora ao nível da ilustração, um espaço de atuação e desenvolvimento da sua expressão artística.

Valeu-lhe a participação, logo em 1926, aquando do lançamento do primeiro volume de poesia de José Régio, seu irmão, com a capa para *Poemas de Deus e do Diabo*. Julio torna-se o capista e ilustrador de José Régio, assegurando desenhos para *Biografia* (1929), *As Encruzilhadas de Deus* (1936), *Primeiro Volume de Teatro* (1940), *Fado* (1941), para a segunda edição d’*O Príncipe com Orelhas de Burro* (1946), entre outras segundas e terceiras edições.

A sua atividade de capista e ilustrador, além de atuação enquanto artista oficioso da *fôlha coimbrã*, estende-se a outros *presencistas*, entre os quais, Adolfo Casais Monteiro, conhecendo-se um conjunto de provas, em arquivo, para o volume de poesia *Sempre e Sem Fim*, de 1937, a merecer consideração crítica pela diversidade de propostas plásticas do artista sob a mesma superfície, acusando a experimentação surrealista, a abstratizante e, a pela qual ficaria incontornavelmente conhecido – a *série poeta*.

O lirismo da *série poeta* de Julio, na qual a lição de Chagall é incontornavelmente participativa, apazigua a força da proposta expressionista do artista, cabal na década de 30, mas cujo hiato da década de 40, na qual o silêncio é a sua única afirmação, também no campo da poesia, estabiliza numa produção, que só a articulação com a poesia do seu alter-ego Saúl Dias será capaz de a tornar sempre única, individual e surpreendentemente singular.

Eternos amantes, poeta e musa, deambulando entre florestas, mais ou menos densas, ou meros jardins de província, apresentam variações, cujos poemas, desde os de *...mais e mais...* (1932) até à segunda *Obra Poética* (1980) clareiam. Eles, ora desenhos, ora poemas, perpetuam a traço rápido e curto, num exercício de síntese, a lembrança fugaz – passado avivado e constantemente (re)imaginado pela memória –, cuja consciência da passagem do tempo desperta a procura de um lugar de conforto ou apenas e só a dura constatação da realidade.

